

Eça

Eça de Queiroz
Uma biografia

A. Campos Matos

N I M P R E N S A
N A C I O N A L



Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/INCM.Livros

editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2017 Imprensa Nacional-Casa da Moeda e
Alfredo Campos Matos

Título: Eça de Queiroz. Uma Biografia

Autor: Alfredo Campos Matos

3.ª Edição: maio de 2017

Revisão do texto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Design: silvadesigners

Impressão e acabamento: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tipos de letra: Fedra Serif A Pro e Leitura News

Papéis: Capa – Geltex 115 g Y Branco 111 | Miolo – Coral Book Ivory 90 gr. | Guardas – Coral Book Ivory 90 gr. 1.65

ISBN: 978-972-27-2493-7

Depósito legal: 411 228/16

Edição n.º 1021205

SUMÁRIO

I. PRÓLOGO DA 3. ^a EDIÇÃO	11
II. NOTAS PREAMBULARES	13
III. BIOGRAFIA	15
1. O nascimento, os primeiros anos e o drama que lhes anda associado	19
2. Ensino secundário. O Colégio da Lapa, no Porto: 1856-1861	29
3. Estudos superiores. Coimbra, o curso universitário: 1861-1866	35
4. Os anos de Lisboa e a viagem ao Oriente: 1866-1872	43
A. Sobre a <i>História de um Lindo Corpo</i>	50
B. Ramalho Ortigão e O <i>Mistério da Estrada de Sintra</i>	52
C. Napoleão III	55
D. As Conferências do Casino	59
E. <i>As Farpas</i>	69
F. Flaubert, influência seminal	72
G. Lisboa, palco fundamental da sua ficção	75
5. Começo da carreira consular. Cuba: 1872-1874	77
6. O segundo posto consular, Newcastle: 1874-1879	81
A. As relações de Eça com Machado de Assis	85
B. O caso de <i>A Batalha do Caia</i>	90
7. O terceiro posto consular. Bristol: 1879-1888	93
A. As relações de Eça com Pinheiro Chagas	96
B. Oliveira Martins na obra de Eça	105
C. Victor Hugo	110
D. Eça visita Zola em Paris	112
E. Em busca de estabilidade. O casamento. Retrato de Emília de Castro	114
F. As relações de Eça com Camilo	127
8. O quarto e último posto consular. Paris: 1888-1900	135
A. Presença de Eduardo Prado	139
B. A crise política em Portugal, 1890-1892	144
C. Encontro com António Nobre	146
D. Um périplo, em busca de saúde	169
E. A última viagem	170
F. A morte	175
9. Após a sua morte. As obras póstumas	189
A. Para a história singular da edição de <i>A Tragédia da Rua das Flores</i>	190
B. A fama	196
C. A Biografia de João Gaspar Simões	196
D. Relações dos descendentes de Eça de Queiroz com os críticos	202
E. A Fundação Eça de Queiroz	210
IV. 25 TEMAS ESPECÍFICOS	213
1. Editores e edições	215
2. Percurso ideológico	219
3. Anticlericalismo	225
4. Uma interpretação psicológica. Dissimulações	231
5. Os problemas económicos	235

6. Eça e a fotografia	241
7. Eçolatria, ou uma doença chamada «Ecite», no Brasil e em Portugal	243
8. Dois textos biográficos sobre Eça de Queiroz, por ele autorizados	249
9. A luta pela expressão. A simplicidade, elemento fundamental do estilo	251
10. Erótica	257
11. Perfumes e cheiros na narrativa	261
12. Presença da música na narrativa	263
13. Os sonhos	267
14. O espaço	269
15. Os prazeres da mesa. As maleitas gástricas. O caminhador	273
16. O mundo vegetal	277
17. Eça epistológrafo	279
18. Eça jornalista	281
19. Autocrítica	285
20. Antecipações ou profecias	289
21. Fontes de inspiração	291
22. Eça visto pelos seus contemporâneos	299
23. Descendência. Os filhos	309
24. Personagens do foro	313
25. Eça e Fernando Pessoa	317
26. Doenças	323
27. Efabulações	325
V. ENTRECHOS E RECENSÕES CRÍTICAS DE ROMANCES, NOVELAS, CONTOS E ENSAIOS	327
A. <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i>	329
B. <i>O Crime do Padre Amaro. Cenas da Vida Devota</i>	333
C. <i>O Primo Basílio. Episódio Doméstico</i>	337
D. <i>A Tragédia da Rua das Flores</i>	342
E. <i>A Capital! Começos de uma Carreira</i>	344
F. <i>Alves & C.^a</i>	346
G. <i>O Conde de Abranhos</i>	347
H. <i>O Mandarim</i>	348
I. <i>A Relíquia</i>	351
J. <i>Os Maias. Episódios da Vida Romântica</i>	358
K. <i>A Cidade e as Serras</i>	366
L. <i>A Ilustre Casa de Ramires</i>	370
M. <i>A Correspondência de Fradique Mendes</i>	373
N. <i>Os Contos</i>	377
O. <i>Prosas Bárbaras</i>	380
P. <i>Notas Contemporâneas</i>	381
Q. <i>Últimas Páginas (Lendas de Santos)</i>	382
R. <i>Sobre as personagens</i>	382
S. <i>Acerca do Dicionário de Eça de Queiroz</i>	386
VI. CRONOLOGIA	389
VII. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	419
VIII. ÍNDICE ONOMÁSTICO	431
IX. ORIGEM DAS ILUSTRAÇÕES	441

I. Prólogo da 3.^a Edição

Podemos dizer que tem sido afortunado, nestes tempos de difícil e pertinaz crise, o percurso editorial desta obra, publicada pela primeira vez em 2009, que alcança agora a 3.^a edição, de novo revista e aumentada, oito anos depois da sua versão inicial. Afortunado diremos também pelos dois prémios que recebeu em 2009: da Associação Portuguesa de Escritores e da Associação de Críticos Literários.

Foi mais restrita desta feita a revisão, que atualizou as bibliografias, fazendo pequenos acrescentos em várias matérias, dado que uma biografia é um género literário sempre inacabado, sempre em permanente evolução, no caso de Eça em constante mutação, onde o biógrafo pôs muito de si próprio, expondo a sua visão pessoal do biografado. Devo destacar, entre esses acrescentos, as importantes observações feitas a respeito do Jacobinismo, Eça e Proudhon, no artigo dedicado a Eduardo Prado (capítulo III, 8 a, «Presença de E. Prado»; a identificação da origem das ilustrações; o tema deveras curioso das efabulações e o tema das doenças, com o último diagnóstico feito ao escritor que aponta para a *doença de Crohn*.

Congratulamo-nos que seja a prestigiada editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda a reeditar esta edição, dando-nos assim a garantia da sua qualidade, que, cumpre-nos salientar, era já elevada na edição brasileira de 2014.

Lisboa, março de 2016.

III. Biografia

1. O NASCIMENTO, OS PRIMEIROS ANOS E O DRAMA QUE LHES ANDA ASSOCIADO

Pode dizer-se que o episódio romântico que envolveu o nascimento de Eça de Queiroz começa numa pequena e antiga povoação do norte de Portugal, na foz do rio Lima, Viana do Castelo. Aí vivia uma jovem, nascida em Monção (7 de agosto de 1826), Carolina Augusta Pereira d'Eça. Não se sabe em que data e em que circunstâncias ela conheceu o Dr. José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, então delegado do procurador régio na vila vizinha de Ponte de Lima. O mais provável é que se tenham conhecido através de Francisco Augusto Pereira Soromenho, natural de Ponte do Lima, casado com Emília Amália Pereira d'Eça, ainda sua parente, a irmã mais velha de Carolina, que viviam na Póvoa de Varzim.

Desta relação irá nascer um filho, no dia 25 de novembro de 1845, na Póvoa de Varzim, estância balnear onde vivia a já referida irmã mais velha de Carolina Augusta, então com 19 anos. A criança deveria ver a luz fora de olhares indiscretos que não comprometessem os Pereira d'Eça. Foi prático e lógico ir ter o filho à Póvoa de Varzim, a casa da irmã, a uma distância de apenas algumas horas em diligência. A mãe regressa, depois do parto, a Viana do Castelo e o recém-nascido é entregue aos cuidados de Ana Joaquina Leal de Barros, costureira, que vivia em Vila do Conde, 2 quilómetros a sul da Póvoa. Ela vai ser sua madrinha e sua ama (decerto por indicação do avô paterno da criança). Aqui começam as relações de Eça com o Brasil, pois Ana Leal era natural de Pernambuco. Seja dito que o pai do futuro escritor, por seu turno, nascera no Rio de Janeiro, dois anos antes da Independência.

Rejeitado pela mãe e muito presumivelmente não desejado pelo pai, seis anos mais velho que ela, estas são as circunstâncias fundamentais do nascimento de José Maria, que virão a deixar marcas bem visíveis nos seus comportamentos e na sua obra. A 1 de dezembro de 1845, José Maria, que toma o nome do pai, é batizado na igreja matriz de Vila do Conde. O padrinho será o Senhor dos Aflitos. Parece premonitória esta circunstância porque de facto muito virá a sofrer com a falta de dinheiro e de saúde.

À certidão de batismo, que abre deste modo: «José Maria — filho natural de José Maria d'Almeida de Teixeira de Queiroz e de mãe incógnita», ficará apensa uma estranha carta, alvo de várias interpretações, que o pai do recém-nascido escreve à mãe da criança:

Ponte de Lima, 18 de novembro de 1845

Senhora: Recebi carta de meu pai, que novamente me recomenda a criação de meu filho, e se me oferece para mandá-lo criar no Porto, em companhia da minha família, quando a senhora nisto convenha. Espero, pois, a sua resposta para nessa inteligência escrever a meu pai. Ele me recomenda igualmente — e também o desejo — que no Assento do Batismo se declare ser meu filho, sem todavia se enunciar o nome da mãe. Isto é essencial para o futuro de meu filho, e para que, no caso de se verificar o meu casamento consigo — o que talvez haja de acontecer brevemente — não seja precisa em tempo algum justificação de filiação. Espero se ponha ao nosso filho o meu, ou o seu nome, conforme deve ser.

Adeus, Acredite sempre nas minhas sinceras tenções — e agora mais do que nunca — Queiroz.

Os pais vêm de facto a casar, a 3 de setembro de 1849, em Viana do Castelo, ou seja, quatro anos depois do nascimento de José Maria. Esta é já uma legitimação do filho. Outra é



Eça em 1870 com 25 anos.

nossas constantes meditações. Abrir uma tribuna, onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam este momento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos; ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam, na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna; estudar as condições de transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa; tal é o fim das Conferências Democráticas.

Têm elas uma imensa vantagem, que nos cumpre especialmente notar; preocupar a opinião com o estudo das ideias que devem presidir a uma revolução, de modo que para ela a consciência pública se prepare e ilumine, é dar não só uma segura base à constituição futura, mas também em todas as ocasiões, uma sólida garantia à ordem. Posto isto, pedimos o concurso de todos os partidos, de todas as escolas, de todas aquelas pessoas que, ainda que não partilhem as nossas opiniões, não recusam a sua atenção aos que pretendem ter uma ação — embora mínima — nos destinos do seu país, expondo pública mas serenamente as suas convicções e o resultado dos seus estudos e trabalhos. Lisboa, 16 de Maio de 1871. Adolfo Coelho; Antero de Quental; Augusto Soromenho; Augusto Fuschini; Eça de Queiroz; Germano Vieira de Meireles; Guilherme de Azevedo; Jaime Batalha Reis; Joaquim Pedro Oliveira Martins; Manuel de Arriaga; Salomão Sáragga; Teófilo Braga.

Em 22 de maio de 1871 realiza-se a 1.^a Conferência proferida por Antero sob o título «O Espírito das Conferências». Um dia antes começara a «Semana Sangrenta da Comuna de Paris», que vai durar de 21 a 28 de maio. Toda a burguesia da Europa se apavora. As classes dirigentes

**IV.
25 Temas
Específicos**

1. EDITORES E EDIÇÕES

Os principais editores de Eça foram franceses estabelecidos no Porto. O primeiro foi Ernest Chardron, que lhe editou os primeiros romances e a quem Eça chamava «o tigre». As edições de outros autores atingiram enormes proporções nesta empresa e nas que lhe sucederam em vida de Eça, de cujo catálogo constavam nomes como Garrett, Camilo, Junqueiro, Coelho Neto, Diderot, Lamartine, Chateaubriand, Balzac, Victor Hugo, Flaubert, Renan, A. Dumas etc.

Nem sempre foram pacíficas as suas relações. Numa carta que Eça escreve a Chardron, em fevereiro de 1879, podemos ler: «Realmente meu prezado amigo, seria simplesmente jocoso o querer persuadir-me que a publicação dos meus livros tem sido para si causa de perdas e transtornos; e não é menos curiosa a insistência com que V. Excia. às vezes me reclama trabalho. Que eu esteja doente, ou tenha afazeres ou esteja sem verve — é-lhe perfeitamente indiferente; as minhas conveniências, ou as minhas condições de espírito não lhe merecem a menor consideração: o essencial é que eu produza tantas folhas de prosa por dia, como um negro deve cortar uma certa porção de cana-de-açúcar. Eu digo-lhe isto, meu prezado amigo, em perfeita harmonia e a rir; mesmo se V. Excia. relese as cartas que às vezes me escreve riria também, a sangue frio, do despotismo com que me impõe tarefas — como se eu não fosse um homem livre num país livre. Quem me dera, meu bom amigo, que eu pudesse satisfazer os seus desejos! Quem me dera ter uma natureza de ferro que produzisse literatura [...]» Numa outra carta, do mesmo ano, fará esta queixa: «Devo dizer-lhe primeiro de tudo, que escrevendo-lhe eu sempre de uma maneira delicada e cortês tenho o direito a estranhar e a lamentar que V. Excia. não use da mesma cortesia para comigo.» Desta vez estava em causa a publicação do romance *A Capital*, de que o editor chegou a imprimir cerca de 80 páginas e de que viria a desistir, por razões ainda não completamente esclarecidas.

Grande parte destes desencontros devem ter derivado dos atrasos prolongados e constantes a que Eça submetia as suas revisões, e até a desistências, como no caso de *A Capital*, atrás referido, feitas sobretudo a partir das provas, que o editor lhe ia mandando e nas quais ele fazia acréscimos e alterações muito alargadas. Em 1887 Genelioux & Lugan publicam a 3.^a edição de *O Primo Basílio* à revelia do seu autor, que protesta, comunicando-lhe: *Ce n'est pas seulement pour des fautes d'orthographe. C'était bien une révision du style que je voulais faire...*

O «tigre» Chardron, da Livraria Internacional de Ernesto Chardron, faleceu em 1885, com 45 anos, sucedendo-lhe a firma Lugan & Genelioux. Pela morte de Lugan em 1893, a editora passa, em junho do ano seguinte, para a firma de José Pinto de Sousa Lello (1865-1925), sob cuja direção foi iniciada a publicação dos primeiros póstumos, e entre 1900 e 1925 sob a chancela Lello & Irmão. Estes póstumos vão de *A Correspondência de Fradique Mendes*, publicada em 1900, no mesmo ano da edição de *A Ilustre Casa de Ramires*, até às *Últimas Páginas* (com *Lendas de Santos e Artigos Diversos*), publicado em 1912, num total de 10 títulos. Na introdução das *Últimas Páginas*, intitulada «Ao leitor», verifica-se que os editores consideraram que «à parte qualquer artigo que tivesse escapado na compilação dos seus escritos dispersos, a obra literária de Eça de Queiroz fica, enfim completa!» Estava longe de o estar todavia. Treze anos depois, em 1925, José Maria d'Eça de Queiroz, filho do escritor, publicava mais sete títulos inéditos, o primeiro dos quais o romance *A Capital*, com uma importante introdução explicativa, onde prevê que «a muitos se afigurará decerto milagroso o aparecimento tão tardio destes sete volumes». Com a publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*, em 1929, José Maria interrompeu o trabalho de recolha e transcrição de manuscritos e de páginas já impressas, inéditas, surpreendido que foi pela morte aos 40 anos, pouco tempo antes da saída deste último póstumo. A editora Lello ficava a dispor, a partir dessa data, não só dos 17 póstumos que publicara mas da maior parte dos outros títulos editados em vida.

Na correspondência com Mathieu Lugan, Eça chega a aventar a hipótese da publicação da sua «obra completa», com inclusão dos dispersos por periódicos, ideia que nunca chegará

V.

**Entrechos
e Recensões
Críticas
de Romances,
Novelas,
Contos
e Ensaios**

A Eça de Queiroz dói-lhe Portugal. Quando faz troça dele, ouve-se o queixume. Toda a sua arte europeia, uma arte tão elegantemente europeia, não consegue encobrir o seu ímpeto ibérico. Ouve-se-lhe o soluço debaixo da gargalhada.

Miguel de Unamuno, «El sarcasmo ibérico de Eça de Queiroz», em *Eça de Queiroz, In Memoriam*.

É necessário dizer bem alto e bem firme que em toda a História da literatura portuguesa, Eça realiza com «a palavra» o mais espantoso milagre de subtileza, de graça, de sensibilidade.

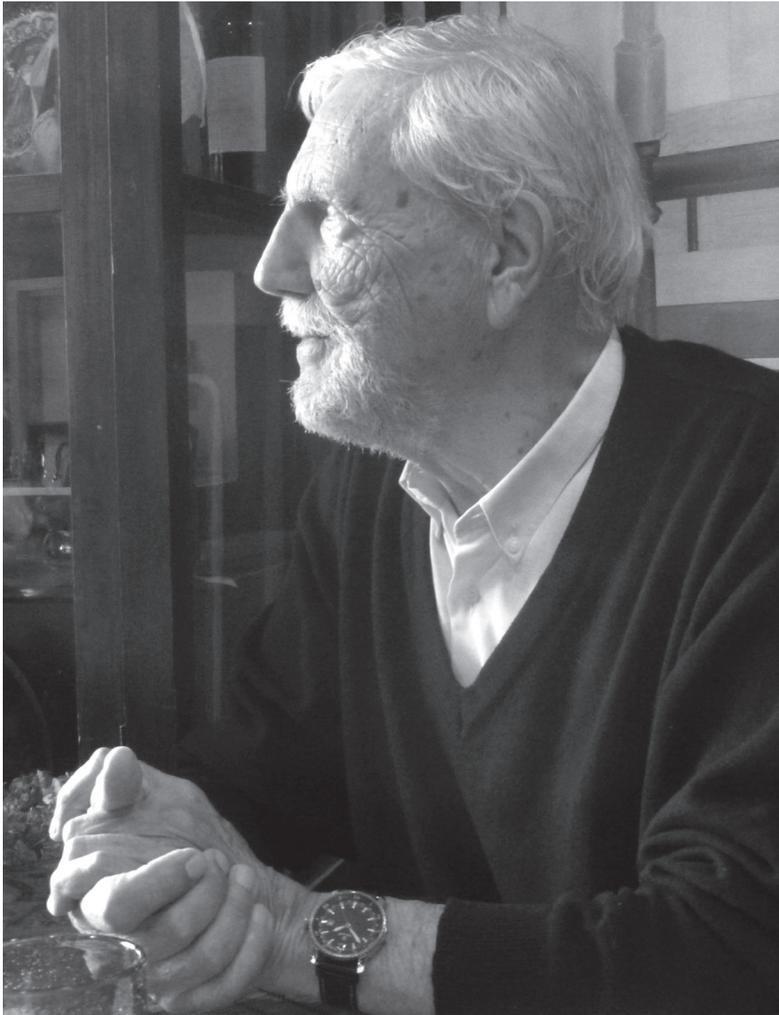
Vergílio Ferreira, *Espaço do Invisível III*.

A. O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA

Trata-se de um romance-folhetim, sob forma epistolar, feito em parceria com Ramalho Ortigão, com propósitos mistificadores, em 31 cartas anónimas dirigidas ao *Diário de Notícias*, entre 24 de julho e 27 de setembro de 1870. Os seus autores só se identificariam na última carta. A 1.ª edição em livro, dado o sucesso que o folhetim obteve, é impressa no mesmo ano, por António Maria Pereira, o editor mais importante de Lisboa. Nesta edição o nome de Ramalho vem em primeiro lugar. Quinze anos depois, em 1885, sai uma 2.ª edição no mesmo editor, com revisão e prefácio de Eça (de dezembro de 1884). Contém a assinatura dos dois autores, porém, significativamente, a assinatura de Eça surge, agora, em primeiro lugar. Na carta de 20 de julho de 1883, em que, do Porto, Eça comunica a Ramalho o envio dessa revisão, lemos: «Remeto-lhe amanhã *Mistérios da Estrada de Sintra* emendado, quase refeito. *Je me suis tenu à quatre pour ne pas faire un nouveau roman*. Fatal tendência para refazer livros velhos. Também lhe mando um prólogo — a que V. ajuntará o que a sua veia lhe inspire.» O ensaísta José Sampaio Bruno (1857-1915), em *A Geração Nova (Ensaaios Críticos)*, 1885, identificou os textos, atribuindo a Ramalho, apenas, a autoria de «As cartas de F... ao médico», «As revelações de A. M. C.» e a parte em que «Concluem as revelações de A. M. C.». Esta contribuição de Sampaio Bruno foi publicada pela editora Lello, a partir da 6.ª edição de 1945, quando as edições de António Maria Pereira haviam já cessado (a última, 5.ª edição, é de 1913). Note-se ainda a observação esclarecedora deste ensaísta: «[...] quando apareceu em volume essa novela, ninguém viu, no rótulo do livro, senão o nome do Sr. Ramalho Ortigão, seu colaborador accidental. Ele era, ao tempo em que o seu amigo não passava de um ignorado, já um homem ilustre. [...] do Porto partira para Lisboa, com a responsabilidade de livros ruidosos e da colaboração efetiva num periódico então notado.» (Bruno, 1984, pp. 132, 139 e 140.)

Em 1902, na 4.ª edição do romance, Ramalho, já depois da morte do amigo, viria a praticar nos textos as mais incompreensíveis e, por vezes, disparatadas diabruras, sem qualquer critério possível de descortinar, referidas no capítulo III, ponto 4g, e analisadas pormenorizadamente no prefácio que escrevi, para a 1.ª edição ilustrada deste romance, da renascida editora Parceria A. M. Pereira (2005), que deu assim continuidade às edições que dessa obra publicou até 1913.

No prefácio da edição de *O Mistério*, de 1885, Eça esclarece que a obra resultara do trabalho dos dois amigos, não sabendo um o que o outro escrevia, até porque ele Eça se encontrava em Leiria como administrador do concelho, e Ramalho em Lisboa. Quem ler esse prefácio do autor de *Os Maias*, que explica a história da elaboração da obra, sem a curiosidade de confrontar datas e entrosar acontecimentos, ficará, talvez, com a impressão de que aqueles amigos estavam em cima da hora da publicação, a enviar para as oficinas do jornal os seus textos, que, uma vez publicados, esperavam a continuidade da prosa redigida pelo outro. Tal não seria possível, é claro, dado o espaço de tempo de um, dois dias, que decorria, entre



A. Campos Matos é autor de uma vasta obra de investigação e divulgação acerca da vida e obra de Eça de Queiroz, com mais de trinta títulos publicados, tendo iniciado esta atividade em 1976, com uma obra inovadora: *Imagens do Portugal Queiroziano*. Pela sua importância há que destacar a colaboração e organização do *Dicionário de Eça de Queiroz* (1988), com uma segunda edição em 1993, um *Suplemento* em 2000, e uma 3.^a edição num só volume, na INCM, em 2015. Em 2007 publicou a *Fotobiografia de Eça*. Em 2008 saíam a *Correspondência* em dois volumes do escritor e em 2009 um ensaio, *Eça de Queiroz-Ramalho Ortigão*, com uma nova visão das relações entre os dois escritores. De destacar é ainda um título muito especial: *Diário Íntimo de Carlos da Maia (1890-1930)*, publicado em 2014. Tem no prelo uma obra acerca da arquitetura contemporânea e da sua própria arquitetura e prepara um ensaio acerca de Manuel Teixeira Gomes.

Dizer que esta é a mais completa e mais rica biografia de Eça de Queiroz é dizer pouco. Neste volume o leitor encontrará não apenas a informação mais fidedigna sobre a vida do escritor, acompanhada de vasta e preciosa iconografia, mas também reflexões críticas de primeira ordem que, sem afastar do escopo biográfico, permitem uma visão aprofundada do percurso ideológico do autor e da repercussão da sua obra e da sua figura pública entre os contemporâneos. Neste livro generoso, encontrará ainda o leitor uma sucinta apresentação editorial das mais notáveis obras queirozianas, acompanhada de resumo do enredo e seleta coletânea de excertos de opiniões críticas. A esse rigor de informação e cuidado documental se alia uma prosa limpa e sedutora, o que torna este volume tão agradável ao leitor comum quanto indispensável ao especialista e ao estudante interessado na cultura luso-brasileira do século XIX.

Paulo Franchetti , Professor na Unicamp (Campinas)

